

Revista Jaguar

www.revistaojaguar.com

NOVEMBRO | 2024 | VOL. 1, N° 1

Revista Jaguar

Revista O Jaguar

www.revistaojaguar.com

Vol. 1, nº 1

novembro | 2024

Editor

Enéias Brasil

Programação visual

Enéias Brasil

Contato

eneiasbrasil@gmail.com

Revista Jaguar

Índice

Mensagem de Tia Neiva | 4

Mistérios da Fé | 5

Enéias Brasil

Agradecimentos | 14

Revista Jaguar

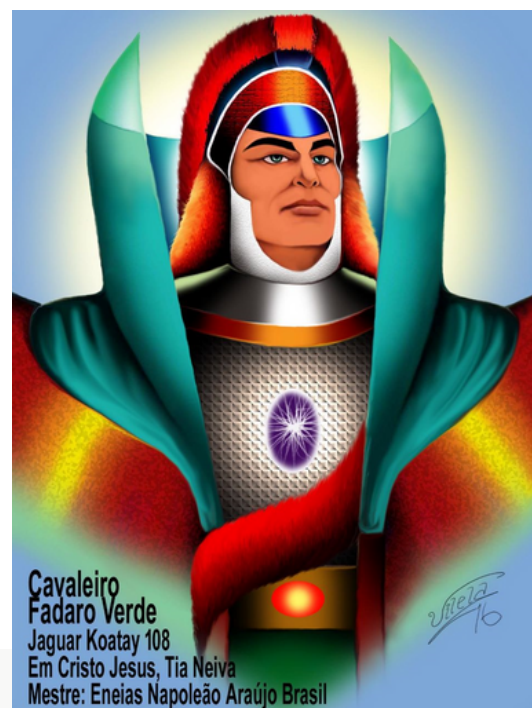
Mistérios da Fé

por Enéias Brasil

Descubra o fascinante universo do Vale do Amanhecer do Real Copagre, templo espiritualista cristão que acolhe diversas crenças e oferece alívio espiritual a todos que o buscam. Conheça as histórias de transformação de João Paulo, Aline e Daiany, que encontraram no Vale respostas para suas angústias e um propósito de vida. Entre rituais e experiências espirituais únicas, essas jornadas refletem a essência acolhedora e mística desse espaço. Curioso para saber mais? Deixe-se envolver pelos relatos e energias do Vale do Amanhecer. (pp. 5-14)



“Pai Seta Branca” – Foto: Enéias Brasil



Arte: Vilela, 2016

MENSAGEM DE TIA NEIVA:

Cavaleiro da Lança Verde

Contigo ele caminhará, se tiveres a fé do teu amor. E não terás também crepúsculo. Jesus, que é testemunha dos meus olhos, responderá por mim, na luz de nosso pai, que é Simiromba de Deus!

A Mãe em Cristo,
Tia Neiva



Tia Neiva, fundadora do Vale do Amanhecer

Mistérios da fé: fenômenos espirituais no Vale do Amanhecer do Real Copagre, Teresina – PI

Por Enéias Brasil

Cores vibrantes, vestimentas singulares, cruces pretas envolvidas em lenços brancos esvoaçantes, um grande quadro iluminado por led amarelo trazendo em si a imagem de um imponente cacique indígena ocupa uma posição de destaque naquele espaço e uma fragrância agradável oriunda de uma leve fumaça que paira no ar – eis o ambiente espiritual do Vale do Amanhecer do Real Copagre, conhecido no âmbito da Doutrina como Templo Tagor. Esse templo espiritualista, localizado na Zona Norte de Teresina, iniciou suas atividades religiosas em 7 de maio de 2011 e conta com 120 médiuns que realizam acolhimento espiritual gratuito a cerca de cinquenta pessoas por cada dia de atendimento, duas vezes por semana, toda quarta e todo sábado.

O Vale do Amanhecer é uma Doutrina Espiritualista Cristã fundada pela médium clarividente sergipana Neiva Chaves Zelaya (1925 – 1985) a “Tia Neiva” no ano de 1959. Essa corrente espiritualista foi trazida pelo espírito de Francisco de Assis conhecido no Vale como “Pai Seta Branca” e na sua prática contém elementos de várias religiões. Fundada em Brasília-DF, conta hoje com mais de 600 templos no Brasil e no exterior e realiza atendimento espiritual gratuito e em livre demanda aos frequentadores. Em Teresina, a Doutrina do Amanhecer, como é chamada pelos adeptos, dispõe de 4 templos ativos.

As pessoas que procuram o Vale do Amanhecer são oriundas de diversas religiões e igrejas, muitas vezes chegando em busca de respostas para



João Paulo de Souza, presidente do Templo do Real Copagre – Foto: Enéias Brasil

as suas angústias espirituais, alegadamente encontrando no conselho das entidades que ali atendem manifestadas nos médiuns de incorporação alívio e orientação espiritual, renovação da fé, seja qual for a sua origem religiosa. “O Vale do Amanhecer atende a todos, indistintamente, não sendo exigida a identificação daquela pessoa.” – conta João Paulo de Souza, presidente do templo espiritualista do Real Copagre.

Quem chega ao Templo Tagor e vê os trabalhos espirituais em funcionamento nem imagina que aquela casa um dia contava com um só médium que iniciaria a missão religiosa com uma série de desafios a serem enfrentados. João Paulo de Souza, 58 anos, o presidente do templo do Real Copagre, tendo sido por 5 anos vice-presidente de outro templo do Vale do Amanhecer localizado na Zona Rural de Teresina, trazia em sua bagagem uma longa trajetória entrecortada por experiências aparentemente inexplicáveis que lhe serviram de base

para o início de sua jornada, agora como dirigente.

Uma seita estranha

João Paulo de Souza relata que o primeiro contato com o Vale do Amanhecer, na Zona Rural de Teresina, há 23 anos, causou-lhe estranhamento: “As pessoas iam entrando naquele espaço com umas indumentárias (roupas) diferentes. Aquilo me despertou a curiosidade.” Inicialmente, o futuro dirigente espiritual foi ao templo apenas para deixar o pai, Sr. Miguel, já falecido, que há anos era frequentador assíduo. De antemão, avisou ao pai que não pretendia entrar “naquele lugar”. O primeiro contato de estranhamento, no entanto, fez com que João Paulo se permitisse entender o que ali praticavam espiritualmente: “Fui assistir aos trabalhos e passar no trabalho de Tronos, o primeiro contato que a gente tem no atendimento interno. Eu tinha recebido a ficha de número 72.” – conta. Após uma longa espera, ele foi atendido e ouviu uma

entidade espiritual, um preto velho, manifestado em um médium de incorporação, falar-lhe sobre “destruição de castelos.” A entidade, também, pediu que ele passasse em outros trabalhos, até então desconhecidos para ele. Sem entender, o homem apenas se permitiu sentir aquela nova experiência, perguntando ao pai o que deveria ser feito dali por diante. O pai explicou que bastaria permanecer ali por algum tempo para realizar os trabalhos que foram recomendados pela entidade.

Aquela experiência singular causou em João Paulo um misto de sensações. Logo após o atendimento espiritual, no dia seguinte, viu uma angustiante questão familiar apresentar solução quase imediata. Intrigado, sentia-se leve e “diferente”, decidindo assim continuar a frequentar o Vale para obter respostas. Ele conta que obteve apoio da esposa para continuar frequentando, ela incentivava-o: “Aquele lugar está te fazendo bem, sábado é dia de tu ir” – relembra João Paulo. Chegando o sábado seguinte, as entidades explicaram-lhe que o que ele experimentava em sua vida, em relação aos problemas familiares, era resultado de sua mediunidade afluída, isto é, uma mediunidade que precisaria ser desenvolvida para que houvesse o seu devido equilíbrio espiritual. Tendo sentido em si os benefícios daqueles atendimentos e com o apoio da esposa, logo João Paulo decidiu ingressar na Doutrina do Amanhecer. Daquela época até agora, Mestre João Paulo, o Adjunto Tagor, é médium do Vale do Amanhecer

há 23 anos, 13 dos quais como presidente do templo do bairro Real Copagre.

Atendimentos espirituais

O atendimento espiritual no Templo Tagor é longo, inicia pontualmente às 15h e termina entre 20h e 20:30 nos dias de quarta-feira e sábado; atende por dia cerca de 50 pessoas. O trabalho é realizado pelos médiuns que se voluntariam, com alguns que se comprometem a permanecer durante toda a extensão do horário e outros por alguma parcela de tempo. Independente da quantidade de médiuns, sendo pouca ou muita, o atendimento é realizado – não há obrigação de permanência, os médiuns chegam e se vão conforme a sua disponibilidade de tempo. Trata-se de um trabalho bastante ritualístico, com foco em servir aos pacientes, assim se chamam os frequentadores que vêm em busca de alívio espiritual. Só há duas condições de pessoas no Vale do Amanhecer, sob o aspecto de sua liturgia: médiuns e pacientes, o paciente, portanto, é o objetivo mor da prática ritualística do Vale do Amanhecer.



Médium Recepcionista – Foto: Enéias Brasil

O primeiro contato que o paciente tem ao chegar ao Templo Tagor é com os Recepcionistas, trata-se de um grupo de médiuns responsáveis por receber, acomodar e prestar esclarecimentos aos pacientes que ali chegam em busca de atendimento. Os Recepcionistas, também, são responsáveis por receber curiosos, pesquisadores, jornalistas, o público em geral. O paciente, assim, é acomodado em local adequado, respeitando a fila de atendimento. À medida que os trabalhos internos começam, sendo o primeiro o de Tronos, gradativamente a fila vai se movimentando e cada qual tem a oportunidade de conversar com uma entidade incorporada no médium apará (assim são chamados homens e mulheres que têm a mediunidade de incorporação). O apará tem a sua manifestação espiritual assistida pelo médium doutrinador (homens e mulheres que têm a mediunidade ativa, alerta, de assistência e, não sendo médiuns de incorporação, têm a responsabilidade de presenciar a comunicação entre a entidade e o paciente). Portanto, a ritualística relativa ao trabalho de Tronos é realizada à vista de todos ali presentes, médiuns e pacientes, e a partir desse trabalho é que as entidades recomendam que cada paciente seja atendido nos outros trabalhos de acordo com a necessidade espiritual de cada um naquele dia.

Os outros trabalhos oferecidos no Templo Tagor são: Cura Evangélica, em que os pacientes são atendidos por “entidades de cura”, manifestadas nos

aparás, com o objetivo de auxiliar nas questões espirituais relativas à saúde; Defumação, em que os pacientes passam por um ritual com invocações espirituais e defumação com uma essência específica, visando o auxílio às questões energéticas relativas ao progresso material/financeiro; Linha de Passe em que os pacientes são atendidos por “entidades indígenas” responsáveis por dar um passe final em cada pessoa, visando uma “limpeza espiritual” final.

O paciente, ao receber atendimento, obtém alegadamente o alívio de suas questões espirituais e passa a atribuir sentido à sua vida por ora conturbada. Sob esse prisma de compreensão, o paciente é o futuro médium, na medida em que ele, querendo, pode passar a fazer parte do grupo de médiuns da Doutrina; para tal, é necessário que uma entidade, um(a) preto(a) velho(a), identifique em seu quadro espiritual a necessidade de desenvolver a mediunidade com o objetivo de melhor solucionar os problemas que aquele paciente apresenta. Assim, o paciente, futuro médium, passa a fazer parte da Doutrina do Amanhecer. Para tal, há o Trabalho de Castelo, em que somente aqueles pacientes que têm expressa recomendação dos pretos velhos podem passar. Trata-se de uma conversa privada, com uma médium devidamente preparada para aquela função, visando prestar esclarecimentos sobre o trabalho realizado no Vale do Amanhecer e, principalmente, esclarecimentos sobre mediunidade. A função do Castelo é fundamentalmente

receber aquela pessoa que foi convidada pela entidade nos Tronos a desenvolver a sua mediunidade e, se assim desejar, faz o cadastro para começar o seu desenvolvimento no Vale do Amanhecer.

Missionária Dharman-Oxinto

Aline (nome fictício) é uma missionária Dharman-Oxinto, assim é chamada a médium responsável por receber o futuro integrante no Trabalho de Castelo. Ela realiza esse atendimento com afinco, dentro das suas possibilidades, e tem um amor especial por esse setor: trata-o como se fosse alguém muito querido. Não raro, em seu vocabulário há expressões típicas de grande zelo: “o Castelo sente...”

Concretamente, o Castelo compõe uma instância importante no Vale do Amanhecer, pois ali o futuro médium tem um espaço para ficar ainda mais à vontade e ser ouvido de uma maneira ainda mais privada, pois no setor de Tronos, invariavelmente, há a presença do doutrinador que tem a obrigação de estar atento à toda a comunicação entre paciente e entidade, o que pode deixá-lo, eventualmente, inibido. Nos Tronos o trabalho é fundamentalmente desobsessivo, o foco principal é na “limpeza espiritual” realizada e menos na comunicação. No Castelo, contudo, a conversa com o paciente, mesmo sendo de médium para pessoa, acaba tornando-se bem mais relaxada, podendo o paciente desabafar um pouco mais à vontade.

Aline e outras missionárias responsáveis pelo Castelo já se acostu-

maram a ouvir problemas diversos, algo comum no Vale do Amanhecer. Os médiuns aprendem a lidar com o problema alheio de maneira singular: mesmo com as próprias dificuldades e problemas, sentem-se aptos a ouvir e aconselhar espiritualmente sobre as angústias do próximo – o que é chamado na liturgia do Vale do Amanhecer de “comunicar sem participar”, isto é, tratar o problema do outro de maneira “profissional”, espiritualmente falando. Eles se consideram “profissionais do mediunismo”.



Castelo – Foto: Enéias Brasil

A missionária Aline teve a própria jornada de descoberta do Vale do Amanhecer. Enfrentando diversos problemas de saúde, aparentemente sem solução, encontrou no Vale a sua restauração, tanto física quanto espiritual. Ela conta que chegou ao Vale pela dor: “Eu passava por um momento delicado e de idas e vindas de hospitais, mas sem qualquer diagnóstico. Cheguei ao Vale do Amanhecer pela dor. O Vale

representa para mim um retorno ao lar com lapsos de memórias de uma vida já vivida. A dor com a qual eu cheguei se transformou em amor.” A médium relata que ao encontrar a “casa do Pai” foi quando pôde aprender o que seria amar incondicionalmente, respeitar a dor do próximo no exercício diário da caridade sem esperar nada em troca.



Missionária Dharman-Oxinto Sol – Foto: Enéias Brasil

A história de Aline ilustra a transformação fenomenal relatada por vários médiuns da Doutrina – chegando à “missão” pela dor, isto é, sofrendo as intempéries de uma vida outrora sem esperanças, os médiuns experimentam em si a construção de um sentido de vida, uma caridade a ser cumprida, uma corrente de auxílio a ser passada para adiante. Um dia ajudados, sentem-se impelidos a ajudar aos outros também. É frequente entre os médiuns a compreensão de que a “mediunidade aflorada”, a mediunidade não desenvolvida, seria a causa de diversos problemas que antes enfrentavam. A descoberta do Vale marca, portanto, a transformação de suas caminhadas, o renascimento para uma vida espiritualmente equilibrada.

Outro fenômeno relatado pela médium refere-se à estabilização do quadro de saúde de seu pai: indicado pelos médicos a fazer uma cirurgia cardíaca futuramente, passou a frequentar os trabalhos espirituais para que tudo se concretizasse com resultado satisfatório. Ao fim de um período, teve a intervenção cirúrgica dispensada pelos profissionais de saúde. Aline acrescenta que seu pai também teve um indício de cegueira diabética totalmente descartado: “Depois de passar por três médicos que o desenganaram, atribuindo-lhe cegueira diabética, meu pai está tendo nova oportunidade de tratamento, quando novo exame oftalmológico descartou qualquer indício de diabetes em seus olhos, mesmo sendo portador da doença há mais de 25 anos.” – relembra a médium.

Sobre a relação entre Fé e Ciência, os médiuns do Vale são enfáticos: o atendimento espiritual deve ser encarado não como substituto do tratamento médico, mas como um complemento. É comum as entidades recomendarem que os pacientes “procurem o médico da Terra” diante de queixas propriamente físicas. O pai de Aline, portanto, teria sido ajudado espiritualmente ao ponto desse auxílio ter contribuído com a evolução de seus quadros de saúde.

Atualmente, Aline se encontra plenamente feliz e realizada em sua missão espiritual. Sendo missionária Dharman-Oxinto, uma das responsáveis pelo acolhimento de novos médiuns, tem experiências fenomenais para con-

tar e sente-se devidamente capaz de orientar os futuros médiuns. Ela assevera que a experiência no Vale do Amanhecer é muito singular e especial para cada pessoa e somente se permitindo senti-la é possível entender de fato essa realidade espiritual, sempre respeitando as crenças individuais de cada um que chega: “Falar sobre Espiritualidade, mediunidade é muito delicado e devem ser respeitados pensamentos, emoções, crenças. Só vivenciando, conhecendo a Doutrina permitiria uma visão cética se abrir a um leque de oportunidades.” – finaliza a médium.

Dores transcendentais

Experiências singulares são a tônica para cada pessoa que chega ao Vale do Amanhecer para desenvolver a própria mediunidade. O que impulsiona essa decisão, muitas vezes difícil, geralmente é a vida sofrida que a pessoa tem experimentado. Costuma-se dizer no Vale que o médium chega, na maior parte das vezes, pela dor e a partir disso é que passa a compreender a dor do próximo.

Foi o que aconteceu com Daiany Gabriela Gama Lima, 37 anos, em 2016. Experimentando dificuldades relacionadas a um quadro depressivo, sentindo-se sem esperanças, finalmente se deu a oportunidade de ir conhecer o Vale: “Minha mãe já frequentava há alguns anos antes de eu ingressar e ela sempre me chamava para ir, sempre. Eu negava. Não acreditava, era bem cética.” – conta. Ela relata que enfrentava grandes dificuldades em sua existência

e se encontrava em um momento de tal fragilidade que estava aceitando qualquer tipo de ajuda: “eu sempre tive aversão à religiões em geral, mas nesse dia em que minha mãe me convidou mais uma vez, resolvi visitar e acabei gostando logo de cara. Quando eu entrei no templo, já me senti bem instantaneamente, foi quando cheguei à conclusão de que ali seria o meu lugar.”



Daiany Gabriela Gama Lima no Vale em 2020

Foto: Acervo pessoal

Daiany é enfática quanto ao fato de que o Vale do Amanhecer a teria salvado. Ainda em 2016, iniciou seu desenvolvimento mediúnico e um mundo novo se abriu diante de seus olhos, ela passou a praticar as instruções de doutrinadora com afinho e dedicação. A cada aula frequentada, sentia os problemas espirituais se despertarem, mas entendia que aquilo era necessário: a superação dos obstáculos que surgiam dava-lhe mais forças de continuar lutando. A nova médium doutrinadora sentia-se agora útil, podia ajudar ao próximo de uma

maneira satisfatória e como idealizara antes – em um lugar espiritualista: “Eu sempre achei que daria mais certo para eu fazer parte de uma doutrina mais espiritualista, então foi o lugar onde me encaixei e foi uma oportunidade de ajudar outras pessoas. Muitas vezes você chega ao Vale com algum problema e atendendo às pessoas sempre ouve aquelas mensagens que as entidades deixam para os pacientes, mas elas também servem para você, às vezes se encaixam numa situação que você está vivendo. Ter contato com os pretos velhos é receber acolhimento e conforto.” – conta.

Atualmente, em 2024, Daiany se encontra afastada da doutrina que tanto a acolheu no passado, entretanto, sabe reconhecer a importância que ela teve em sua vida: “Hoje, eu estou afastada, mas sou muito grata ao Vale do Amanhecer.”

Visões de outra vida

A médium doutrinadora experimentou alguns fenômenos peculiares durante sua caminhada no Vale do Amanhecer. Eventualmente, durante os afazeres do dia, em casa, sentia a cabeça pesar acompanhada de um sono “diferente”. Normalmente, ignorava aqueles sintomas, pois o médium aprende a conviver com uma nova realidade espiritual e a se acostumar com algumas sensações “estranhas”. Mas as sensações se repetiam e, certa vez, Daiany sentiu uma experiência diferente de todas as outras que já estava acostumada a experimentar.

Certa vez, ela teve uma discussão com

sua mãe, hoje também ex-médium do Vale do Amanhecer. A relação entre ambas nunca fora boa e eram eventuais os desentendimentos entre elas. Desta feita, após a discussão, a filha ficou intrigada, se questionando o porquê de a relação com sua mãe ser tão atribulada. Ela fez uma prece, perguntando a Deus o motivo de não se dar bem com sua genitora, como um apelo desesperado em busca de respostas. Passados alguns minutos após a prece, Daiany sentiu o já conhecido “sono”, ela descreve: “Parecia que eu havia tomado algum remédio para dormir, fui para o meu quarto e tentei dormir na cama, mas me vinha uma inquietação; finalmente, deitei no chão e imediatamente apaguei.” – relata.

A partir de então, a médium passou a experimentar o que classifica como uma visão espiritual. Durante sua “viagem”, ela sentiu como se tivesse dado um salto a um tempo passado, uma época distante: “Eu era uma pessoa velha, assim... como uma pessoa que é bem envelhecida, mas não pela idade e sim porque é alguém cheio de mágoa, de rancor, amarga, mal-humorada... Eu estava diante de uma carroça e havia três crianças sobre... Eu estava dando os meus filhos!” – relata a médium com voz embargada. Ela conta que essa visão trazia elementos fenomenais e incríveis de tal modo que não havia como ser um sonho, era uma visão lúcida de uma realidade até então desconhecida.

Ainda sobre a “visão”, as três crianças apresentavam comportamentos diferentes: a mais velha estava zangada

e parecia entender que estava sendo abandonada; outra menina, a filha do meio, estava “conformada” com o abandono e apresentava um comportamento neutro; o filho mais novo, na visão, era muito pequeno e em sua ingenuidade infantil ainda se despedia da mãe: “Eu não sentia amor pelos meus filhos nessa visão que tive, eu estava entregando-os para um desconhecido, eu queria me livrar deles. Quando minha ‘mãe’ subiu na carroça, ela fez isso muito chateada, com muita mágoa... hoje eu sei que nesta vida ela é minha mãe!” – relata a médium bastante emocionada.

Quanto às outras crianças que apareciam em sua visão espiritual, Daiany atribui que seriam, na vida atual, a sua irmã e o seu filho mais velho: “A outra criança que subiu na carroça, hoje minha irmã, fez conformada, sem dizer nada, sem pedir ‘por favor’... o outro, pequenininho, que hoje é o meu filho mais velho, subiu sem nada entender... era tão pequenininho que só me olhava assim... dando ‘tchau’, sabe? Eu simplesmente virei a cara e o desconhecido levou meus filhos.” – conta ela entre lágrimas.

A partir das visões que Daiany experimentou, ela acredita que pôde compreender melhor a relação que tinha com sua família. Coincidência ou não, se dava melhor com sua irmã e com seu filho mais velho. Com sua mãe, ainda sentia muita mágoa vindo dela, como se essa lembrasse a dor do abandono de outra vida. “A visão me marcou bastante, me fez entender a minha relação com minha mãe, eu acho

que essa visão foi uma resposta e uma oportunidade de esclarecimento que tive para tentar transformar a realidade atual.” – relata.

Daiany acredita que experiências fenomenais como as que experimentou são muito únicas e pessoais. Somente vivenciando-as é possível compreendê-las, de fato. Ela manda um recado para as pessoas céticas e para aquelas que já acreditam em fenômenos dessa natureza: “A uma pessoa cética, não tenho muito o quê dizer... somente passando pela experiência, não tenho interesse em convencer ninguém, sei do que senti. A uma pessoa que já acredita, digo apenas que sinto que cada um de nós vem para esta vida com algum tipo de missão, um papel a se desempenhar e às vezes só acreditar não basta, é preciso fazer algo. Você sente que pode fazer alguma coisa, mas não faz, então, é preciso fazer algo com a sua crença, fazer algo para ajudar aos outros, não somente ir a uma igreja ou templo e rezar... fazer parte de uma religião, só por mim mesmo, não vejo sentido nisso.” – conclui.

Salve Deus

O Salve Deus é uma expressão recorrente no Vale do Amanhecer, uma espécie de mantra, uma articulação de palavras com finalidade específica de movimentar energias. Serve também como saudação. Ainda pode significar espanto diante de situações e histórias difíceis de acreditar aos “olhos físicos”. As histórias de João Paulo, Aline e Daiany se entrelaçam às de milhares de médiuns e pacientes espalhados mundo

afora, aqueles e aquelas acostumados a acontecimentos fenomenais que de tão sobrecomuns compõem o tecido de vivências extraordinárias ocorridas quase todos os dias no Vale do Amanhecer. A você leitor(a), um iluminado Salve Deus!

Agradecimentos

Agradecemos, cordialmente, ao Adjunto Tagor, mestre João Paulo, pela autorização e apoio prestados a este trabalho, bem como pela entrevista concedida.

Agradecemos, cordialmente, às ninfas Aline e Daiany Gama pelas entrevistas concedidas.

Salve Deus!

A Revista O Jaguar é uma revista digital fundada em Teresina-PI, em novembro de 2024, por Enéias Brasil, tendo como missão gerar reflexões edificantes, criando um espaço para aprendizado, introspecção e crescimento espiritual. Desejamos dar voz às histórias fenomenais daqueles que se dedicam a uma jornada de fé e autoconhecimento. Queremos inspirar e conectar corações e mentes por meio de conteúdos espiritualmente significativos.

Editor:
Enéias Brasil
contato: eneiasbrasil@gmail.com

Revista O Jaguar vol. 1, n. 1, novembro de 2024.

